Pesquisa realizada em Goiânia aponta novos caminhos para o controle do câncer de mama

Amplo monitoramento e análise de dados indicam a redução da incidência de câncer de mama entre mulheres de 40 a 59 anos pode estar diretamente relacionada à diminuição da prescrição de terapia hormonal

Flávia Gomes

Pesquisa desenvolvida por um grupo coordenado pelo professor Ruffo Freitas Júnior, chefe do Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UFG, revela que entre 2005 e 2008 houve queda da incidência de câncer de mama entre mulheres de 40 a 59 anos de idade residentes em Goiânia. As informações são do banco de dados do Registro de Câncer de Base Populacional de Goiânia (RCBPGo), que reúne todos os casos de câncer de mama diagnosticados em todos os laboratórios de anatomia patológica do município de Goiânia desde o ano de 1988.

Mulheres diagnosticadas na capital, mas residentes em outros municípios não foram incluídas na pesquisa. Dessa forma, afirma o professor, os resultados obtidos são o retrato fiel da incidência de câncer de mama na capital goiana. O cálculo da incidência é dado pela divisão do número de casos novos pelo número de mulheres habitantes de Goiânia naquele mesmo período.

O câncer de mama é o segundo tipo de câncer mais frequente no mundo e o mais comum entre as mulheres. Estudos mostram que o crescimento abrange todas as faixas etárias em proporções semelhantes, apesar das variações regionais, e a alta incidência é mundial. Segundo dados do Instituto Nacional de Câncer (Inca), aproximadamente 22% dos novos casos de câncer em mulheres são de mama. Nos últimos anos, esta tem sido a neoplasia maligna de maior mortalidade entre as brasileiras, sendo considerada um problema de saúde pública. Por essa razão, o acompanhamento epidemiológico é fundamental no monitoramento e na análise de possíveis mudanças no perfil dessa enfermidade, contribuindo também para a educação da sociedade e o planejamento de ações na área da saúde.

A pesquisa

Iniciada em 1988, a pesquisa epidemiológica da incidência de câncer de mama em Goiânia trabalha com os dados do RCBPGo, que é hoje o único registro de câncer no Brasil a coletar dados de câncer por mais de 20 anos de modo ininterrupto. Segundo o coordenador da pesquisa, os dados são os mais fiéis e completos do país em termos de informação epidemiológica da incidência de câncer de mama.

Entre 1988 e 2003, período abrangido pela primeira fase da pesquisa, houve um aumento de 277% na incidência de câncer de mama em mulheres de 50 a 59 anos. Essa constatação, feita pelo mesmo grupo de pesquisa, foi a base de um artigo publicado, em 2008, na revista científica *São Paulo Medical Journal*, editada pela Associação Paulista de Medicina (APM).

Na segunda fase da análise de dados, abrangendo até 2008, a pesquisa, que vinha registrando um aumento na média percentual da incidência do câncer de mama de 4% ao ano para as mulheres de 40 a 59 anos residentes em Goiânia, em todo o período, trouxe a surpresa de uma queda anual de 11% entre 2005 e 2008. As informações posteriores a esse período ainda não foram submetidas à análise.

De acordo com Ruffo Freitas Júnior, os dados levam a concluir que a diminuição na incidência está diretamente relacionada com a redução da prescrição de terapia hormonal, decorrente da divulgação mundial, em 2002 e 2003, de dois relevantes trabalhos, *Womens's Health Initiative* (WHI) e *Um milhão de mulheres*. Com a repercussão desses estudos, que indicaram excesso de risco para o câncer de mama em usuárias de terapia hormonal, relatórios científicos mostraram um decréscimo imediato de 28% a 46% na prescrição médica de terapia hormonal, o que possivelmente gerou o impacto na incidência de câncer de mama nos anos subsequentes em todo o mundo. Pesquisas realizadas em São Paulo verificaram que mais de 20% dos ginecologistas brasileiros passaram a reduzir consideravelmente a prescrição de hormônios combinados, tendo como principais motivos o risco de desenvolvimento de câncer de mama e a falta de proteção que a terapia hormonal confere a doenças cardiovasculares.

Mas não foi somente a comunidade médica que ficou receosa em razão desses estudos. O temor das pacientes de prosseguir com o tratamento foi responsável por até 80% da descontinuidade da terapia hormonal. A partir disso, a recomendação para reposição hormonal é feita apenas em casos em que os sintomas da menopausa possam reduzir efetivamente a qualidade de vida das mulheres. Isso significa, segundo Freitas Júnior, que a terapia hormonal será prescrita somente em casos em que a mulher sofre de irritabilidade, insônia, fraqueza e outros sintomas decorrentes da menopausa.

Suspresas da pesquisa

Conforme os dados obtidos no RCBPGo, desde o ano de 1988, quando iniciou o registro de câncer de mama em Goiânia, até 2008, último ano analisado, houve 5.452 novos casos da neoplasia em mulheres residentes em Goiânia. De acordo com uma das autoras da pesquisa, a radioterapeuta Nilceana Freitas, as informações catalogadas permitem afirmar que, embora em número absoluto os casos de câncer de mama aumentem a cada ano, não há motivo para alarme, uma vez que os resultados acompanham o restante do Brasil e do mundo. As justificativas para a elevação seriam, além do crescimento populacional, o aumento do rastreamento mamográfico e a maior facilidade de acesso a terapias de reposição hormonal. Considerando esse cenário, não é estranho,portanto, que haja surpreendido os pesquisadores o declínio na média percentual anual de incidência de câncer de mama na população de mulheres entre 40 e 59 anos, consecutivamente de 2005 a 2008.

A especialista esclareceu que é esperado encontrar, em populações com idade acima dos 40 anos mais casos de câncer de mama, tendo em vista que o risco da doença aumenta a partir dessa idade. Os resultados obtidos por meio do RCBPGo confirmam isso. Pelos últimos dados, em 2008, o RCBPGo informa que, para cada 100 mil mulheres na faixa etária de 20 e 39 anos, foram diagnosticados cinco casos de câncer de mama. Já para o grupo de mulheres entre 40 a 59 anos, houve 27 diagnosticadas com câncer de mama em cada grupo de 100 mil, confirmando a expectativa de um número significativamente maior de casos na faixa etária que inclui o grupo das usuárias da terapia hormonal.

Isso reforça as conclusões dos pesquisadores. "Os dados deixam muito claro que a redução da reposição hormonal fez diminuir consideravelmente a incidência de câncer de mama, na faixa etária daquelas que usam a terapia hormonal. Além disso, soma-se maior grau de informação e de consciência das mulheres do grupo de risco quanto à importância do exame das mamas", concluiu a pesquisadora.

Esses hormônios circulam no organismo humano e vão se concentrar nas áreas que têm mais receptores hormonais, como as glândulas mamárias, por exemplo, que são muito sensíveis à ação dos hormônios sexuais.

A chamada terapia hormonal em mulheres consiste em repor o estrogênio e a progesterona (esquerda) que os ovários deixam de fabricar com o avanço da idade através do uso de substâncias sintéticas com diferentes formas de aplicações (direita).

Fatores de risco

De acordo com diversos estudos, o aumento da incidência do câncer de mama resulta de uma série de fatores que influenciam diretamente o perfil epidemiológico de determinada região. Segundo Ruffo de Freitas Júnior, mudanças no estilo de vida, diminuição do número de gestações e do período de amamentação, gravidez após os 30 anos e uso de terapia hormonal adiando a menopausa podem explicar o crescimento do número de casos em Goiânia, assim como em todo o mundo. Somada à reposição hormonal, a ampliação do rastreamento do câncer de mama, diagnosticando mais casos, são os dois principais fatores para explicar a explosão da incidência de câncer de mama na faixa etária de 50 a 59 anos, verificada na primeira fase da pesquisa segundo o seu coordenador.

Outros fatores são também associados ao aparecimento do câncer de mama, como o alcoolismo e a obesidade. Alguns ainda não têm sua influência bem esclarecida, como o uso de contraceptivos hormonais e o estresse. Entretanto, a principal causa para a manifestação da doença em determinadas mulheres é a predisposição genética.

Mesmo com os diversos fatores que separam mulheres em grupo de risco, os médicos advertem: "Não é possível saber se uma mulher desenvolveu o câncer de mama porque ela é alcoólatra ou obesa, por exemplo". A radioterapeuta Nilceana Freitas ainda ressalta que o câncer de mama, em regra, decorre de um conjunto de fatores associados e não de uma causa isolada.

Desdobramentos da pesquisa

O aumento da cobertura mamográfica é uma necessidade para um melhor acompanhamento do perfil epidemiológico do câncer de mama em Goiânia e em todo o país. O recomendável é que a cobertura seja de, no mínimo, 70% da população feminina, mas em Goiás ainda não atinge 50% do total. A orientação preventiva é que a mamografia seja realizada regularmente pelas mulheres acima dos 40 anos, considerando que o risco aumenta progressivamente a partir dessa fase e torna-se ainda maior após os 50 anos.

Segundo Freitas Júnior, os dados permitem o planejamento mais seguro das políticas públicas de controle de câncer. Ele acrescenta que um melhor direcionamento de recursos para ações e estratégias em cada região favorece o diagnóstico e facilita o tratamento dos pacientes.

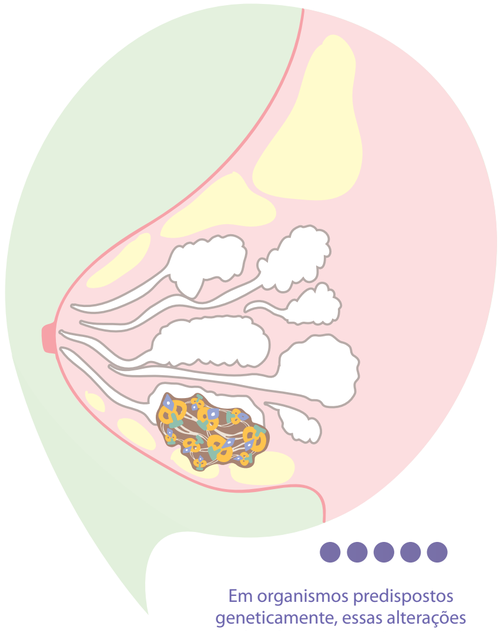
Para Nilceana Freitas, as campanhas de prevenção de câncer de mama têm se mostrado um dos principais meios de esclarecimento dos riscos e de orientação das mulheres sobre a importância da realização de exames periódicos e visitas ao ginecologista. Ela afirma que é por meio de campanhas de prevenção que os profissionais de saúde conseguem detectar mulheres que nunca fizeram uma mamografia ao longo da vida. "O mais importante é oferecer não apenas a mamografia, mas também a orientação sobre os riscos a que essas mulheres estão sujeitas", afirma a pesquisadora.

A realização de campanhas em Goiânia teve reflexos nos dados obtidos no Registro de Câncer de Base Populacional de Goiânia. Segundo Nilceana Freitas, é nítido que após 1997, ano em que se iniciaram as campanhas de prevenção de câncer de mama em Goiânia, registrou-se um aumento na incidência. As primeiras delas foram de iniciativa do Programa de Mastologia do Hospital das Clínicas (HC) da UFG, que promoveu campanhas como De Peito Aberto, Um Toque de Vida e Campanha da Mulher. A partir daí, as campanhas passaram a fazer parte da rotina do HC, sendo realizadas em conjunto com a Secretaria Municipal de Saúde.

Entenda como a terapia hormonal aumenta o risco do câncer de mama

Os receptores hormonais são proteínas que captam hormônios.

A ligação das moléculas dos hormônios sintéticos a esses receptores é que pode promover alterações celulares.



Em organismos predispostos geneticamente, essas alterações podem levar ao crescimento e à multiplicação celular desordenada no tecido mamário, caracterizando, assim, o câncer de mama.

Veja outros trechos do debate em www.jornalufgonline.ufg.br

Infográfico: Reuben Lago